

## Cenário atual do 1º turno é o mais apertado para Lula desde 2002

O presidente Lula (PT) enfrenta no momento o cenário de primeiro turno mais acirrado em relação às eleições em que saiu vencedor. Em pesquisas Datafolha a seis meses dos pleitos de 2002, 2006 e 2022, tinha vantagem maior sobre o principal opositor (10, 17 e 21 pontos percentuais, respectivamente). Agora, tem 39% ante 35% de Flávio Bolsonaro (PL). **Política A6**

# Orbán é derrotado e encerra 16 anos no poder na Hungria

Em eleição histórica, partido do opositor Péter Magyar obtém maioria no Parlamento

Em votação histórica e com comparecimento recorde às urnas, a Hungria decidiu ontem encerrar a era Viktor Orbán, 62, primeiro-ministro desde 2010 e ícone da ultradireita mundial. Com 85% dos votos apurados, o premiê reconheceu a derrota e congratulou o adversário, Péter Magyar.

O partido Tisza obteve 138 das 199 cadeiras do Parlamento, garantindo a Magyar os dois terços necessários para mudar a Constituição e reverter o retrocesso democrático do antecessor. Em 16 anos, Orbán tornou o país uma autocracia, submetendo Poderes e perseguindo opositores.

**ANÁLISE**  
**Renáta Uitz e**  
**Thiago Amparo**

País encerra era entre desafio de mudança e risco de revanche **A23**

"A Hungria escolheu a Europa", escreveu no X a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen. A eleição no país preocupava tanto o aliado americano Donald Trump quanto o presidente russo, Vladimir Putin, que tinha em Orbán uma das últimas pontes com a UE. **Mundo A22**



Karime Xavier/Folhapress

## Escolas criam projetos para combater misoginia e machismo

Alunas do colégio Bandeirantes, em São Paulo, que possui o coletivo Girl UP e realizou a noite Girl Night, com o tema "Somos amigas, não rivais"; grupos que discutem a violência contra as mulheres ganham espaço em colégios das redes pública e particular **Cotidiano A28**

## Caiado deixa cargo, e 10 parentes ficam no governo de GO

Pré-candidato à Presidência pelo PSD, Ronaldo Caiado (PSD) deixou o governo de Goiás no último dia 31 de março, mas ao menos dez parentes seus permaneceram em cargos comissionados. São nove primos e o marido de uma prima do ex-governador. Presidencial diz que contratações seguem a legislação. **Política A8**

**Giovana Madalosso**  
Sacrifiquei minha carne em calças skinny e saltos **A28**

**Becky S. Korich**  
Antissemitismo é um bombril, serve para qualquer situação **A29**

## Patrimônio de ex-dono da Reag dobra em 1 ano e chega a R\$ 1,49 bi

Imposto de Renda de João Carlos Mansur mostra rápida evolução patrimonial em pouco tempo, chegando a R\$ 1,49 bilhão em 2024. Empresário teve sigilo fiscal quebrado na CPI do Crime Organizado, na qual ele disse que a Reag não era de fachada. **Economia A15**

### entrevista da 2ª

**TEO HAYASHI**  
Pastor da Zion Church

## Igreja evangélica é adolescente que não controla a força

Nome influente da nova geração do pentecostalismo, Hayashi diz que maiores inimigos da rede evangélica "são próprios escândalos" e que setor ainda carece de maturidade. **A34**

## Apagão pode virar custo extra na conta de luz de SP

Processo aberto pela Aneel pode resultar na recomendação para a saída da Enel na região metropolitana de São Paulo. Mesmo assim, custo dos apagões recentes pode recair sobre população. **Cotidiano A26**

## Poluição de SP eleva risco de hospitalização por doenças renais, aponta pesquisa

**Luz amarela para a Enel** Acerca de processo que pode tirar a concessão da empresa em SP.

### ilustrada

## ATRIZ ELLE FANNING É MÃE SOLO EM NOVA SÉRIE

Protagonista de "Margot Está em Apuros" faz conteúdo erótico para sustentar filho **B6**

### ciência

Tempo e verba são desafios às ambições lunares da Nasa **B10**

### folhainvest

Restituição do IR é oportunidade para quitar dívidas **A12**

## Trump diz que EUA vão fechar Hormuz a partir de hoje

O presidente americano afirmou ontem que ordenou bloqueio no estreito de Hormuz. Sua ordem é para interdição de navios que entram ou saem de portos iranianos a partir das 11h de hoje. Teerã disse que "o inimigo ficará preso em um vórtice mortal se fizer movimento errado" e que pode reavaliar cessar-fogo. **Mundo A24**

## Ex-modelo brasileira ameaça expor Melania

Após a primeira-dama americana negar qualquer relação com Jeffrey Epstein, perfil no X atribuído à ex-modelo Amanda Ungaro ameaçou expor o "sistema corrupto" sobre ela e Donald Trump. **Mundo A25**



SHOPPING  
CIDADE  
JARDIM

É MODA.  
É CIDADE.  
É JARDIM.



ISSN 1414-8722  
9177141415720251

## cotidiano

# Escolas criam projetos e se engajam no combate a misoginia e machismo

Grupos que discutem a violência contra as mulheres ganham espaço na rede pública e na particular; meninas relatam comentários e atitudes machistas no cotidiano

Laura Mattos

SÃO PAULO Diante da explosão de conteúdos misóginos nas redes sociais e da repercussão de notícias de feminicídio e de estupros coletivos no país, as escolas estão dando espaço para projetos de combate ao machismo e à misoginia. As iniciativas muitas vezes têm partido de grupos de alunas, que procuram professores e gestores para relatar incômodo com o que vivem e presenciam dentro e fora da escola.

Misoginia e machismo são combustíveis do cyberbullying, com meninas sendo as principais vítimas em apps de mensagens e perfis de fofocas, os “explanas”.

Em março, veio à tona um caso de suspensão de alunos do Colégio São Domingos, em Perdizes (zona oeste de São Paulo), em razão de mensagens misóginas em grupos de WhatsApp do 9º ano.

Meninos de 14 e 15 anos fizeram um “ranking” meninas, falando de atributos físicos (“peito” e “bunda”). Postaram figurinhas com foto de Jeffrey Epstein, conhecido por criar uma rede de abuso sexual de menores nos EUA, e uma imagem de um mangá com a frase “Vou te estuprar” —a partir daí, circulou a informação de que havia uma lista de “estupráveis”, o que foi negado pela escola e pelos pais.

Não é algo raro. Casos semelhantes estão no cotidiano de escolas privadas e públicas, das vulneráveis às abastadas, das conservadoras às progressistas.

O pai de um dos alunos suspensos do São Domingos conta que



Alunas do Bandeirantes, em São Paulo, que realizou em março a Girl Night Karime Xavier/Folhapress

foi pego de surpresa, porque a família é extremamente crítica à misoginia. Diz que determinou que filho escrevesse uma carta de desculpas às colegas, à mãe e à avó, fez uma devassa nas atividades digitais do menino e bloqueou seu acesso às redes sociais e ao WhatsApp. Também o colocou para fazer terapia.

Em nota, o diretor pedagógico do colégio, Luís Fernando Welfort, afirmou que a escola realizou uma série de encontros com os estudantes envolvidos, seus familiares e turmas de outras séries. Foi instituído um grupo de trabalho, com professores, psicóloga e advogada, para indicar as “medidas institucionais e res-

taurativas cabíveis”.

No colégio Bandeirantes, de São Paulo, a discussão sobre misoginia e machismo se amplificou nos currículos e nos coletivos de alunos, segundo Beatriz Kohlbach, coordenadora de Convivência Positiva e Apoio Emocional. “É um tema trazido pela CCA [Comunidade de Cuidado e Apoio, formada por alunos] e por coletivos como o Bandiversidade [apoio à comunidade negra e LGBTQIA+] e o Girl UP [ligado a um movimento internacional].”

Em março, foi realizada a Girl Night, noite das meninas, com a temática “Somos amigas, não rivais”. Aluna do 3º ano do ensino médio e integrante do Girl UP,



**Uma menina reclamou que um garoto de 13 anos ficava falando ‘Quem a gente vai comer hoje?’. Há casos de toques não consensuais**

**Karina Mayara Leite Vieira**  
professora da escola municipal Maria Pavanatti Fávaro, de Campinas (SP)

Laura, 16, diz que a força do coletivo é a troca as próprias alunas.

“Uma menina pode se sentir desconfortável de conversar com um adulto sobre determinadas questões”, diz. “Compartilhamos situações de machismo que observamos e enfrentamos dentro e fora da escola, fazemos debates sobre educação menstrual, mulheres nos esportes, na ciência, no ambiente de trabalho, e violência contra a mulher. Também já fizemos artes marciais para autodefesa.”

Na escola municipal Maria Pavanatti Fávaro, de Campinas (interior de SP), há um atuante coletivo de meninas, o Clube da Lua, que, em uma carta à diretoria, solicitou a criação de um protocolo antimisoginia.

Coordenadora do projeto, a professora Karina Mayara Leite Vieira afirma que esses episódios são comuns. “Uma menina reclamou que um garoto de 13 anos ficava falando ‘Quem a gente vai comer hoje?’. Há casos de toques não consensuais. Meninas são chamadas de gordas, são vítimas de racismo.”

Outro projeto nessa linha é o Juventudes AntiMisoginia, lançado em 2025 pelo Sesi São Paulo em 134 escolas, com cerca de 100 mil alunos do 9º ano do fundamental e do ensino médio.

Segundo Lilian Engracia, supervisora técnica do Sesi-SP, o programa consiste em definir diretrizes para as escolas, selecionar professores que tenham afinidade com essas temáticas e oferecer formação e apoio financeiro para que trabalhem duas vezes por semana com o projeto no contraturno das aulas.

Aluno do 3º ano, Luiz Gustavo, 17, integra o comitê do Sesi Ferraz de Vasconcelos (Grande SP) e diz que passou a reconhecer machismo e a misoginia. “Não via problema, por exemplo, no fato de as mulheres ganharem menos do que os homens. Isso foi passado para mim pela sociedade patriarcal”, diz.

## Sacrifiquei a minha carne pública em calças skinny e saltos altos

### Opinião

Giovana Madalosso

Escritora, roteirista e uma das idealizadoras do movimento Um Grande Dia para as Escritoras

Como uma gueixa perdida em outro hemisfério, minha mãe calça 36, mas só usa sapatos 35. Meus pés nunca foram reprimidos, minha mão, quase. Quando eu tinha cinco anos, parentes sugeriram que meus pais amarrassem a esquerda para que eu desenvolvesse a outra, já que não era bem-visto ser canhota por aquelas bandas.

Minha magreza era problema. Meu nariz era problema. Com 14 anos, ganhei algumas curvas, mas não foi o bastante. Um colega de escola disse para todos ouvirem: “A Giovana é como um camarão, pra comer tem que tirar a cabeça”. Não me lembro de condenarem o que ele falou, mas de me recomendar uma plástica

para diminuir o nariz.

Não era só o nariz.

Eu era bailarina e minha pele não era branca o bastante. Minha magreza não era magra o bastante. Para outros, minha boca era roxa demais. Minhas mãos, grandes, não eram consideradas femininas. Deveriam ser colocadas para atrás ou dentro dos bolsos na hora das fotos.

Meus pés também deveriam ser escondidos. Tinham calos do balé. Minha unha do dedão, considerada grande, não deveria ser pintada de cores fortes para não chamar a atenção.

Durante anos, alisei os cabelos. Quase incendiei a minha casa por causa de uma chapinha. Derubei a luz de uma pousada por causa da voltagem errada de um secador. Deixei de ver estrelas no sereno para não ficar com frizz.

Quando morei fora do Brasil, ganhei peso. Em inglês meu cor-

po era bonito, em português a minha beleza foi traduzida para “poita” e “baleia”.

Como se a minha carne fosse uma oferenda, sacrifiquei-a em calças skinny, saltos altos, saltos finos, cintas modeladoras, sutiãs com aro, corpetes, vestidos apertados, calcinhas que pressionam a barriga, fios encravados na bunda, rendas ásperas na vulva.

Fui queimada com cera quente. Fiquei com a pele vermelha. Levei tapas da depiladora para aliviar a ardência. Tive meu buço arrancado com pinça e fio egípcio. Passei frio para exibir as pernas e o decote. Fiz regimes que prejudicaram a minha saúde.

Quando finalmente cheguei ao peso considerado ideal para a minha altura, ouvi que estava magra demais. Que meus seios tinham ficado murchos. Dois saquinhos de chá que precisavam ser levantados ou escondidos.



**Engravidiei. Tive minha barriga cortada por um bisturi. Meus seios foram sugados, feridos e rompidos por uma pequena boca faminta, mas as pessoas só perguntavam quantos quilos ganhei na gravidez e quantos eu já tinha perdido**

Passei a usar sutiã com enchimento. Não foi o bastante. Me sugeriram colocar silicone. Coloquei. Me arrependi —eu nunca quis ter seios grandes, eu só queria me amar.

Um tempo depois, engravidiei. Tive minha barriga cortada por um bisturi. Meus seios foram sugados, feridos e rompidos por uma pequena boca faminta, mas as pessoas só perguntavam quantos quilos ganhei na gravidez e quantos eu já tinha perdido.

Ser mãe de mulher me transformou. Ler “O Segundo Sexo” me transformou. Apanhar de um homem que acreditava ser dono do meu corpo me transformou. Ele não era dono, tampouco eu. Eu só passei a ser aos 38 anos.

Doeu nascer de novo, mas depois foi um alívio. Desde então, tenho um sonho: que minha mãe tire os sapatos 35 e venha dançar descalça comigo.